Peacehaven, outubro de 1999

Considerei começar com as seguintes palavras: *Já não quero matar-te* — porque não quero mesmo —, mas depois decidi que poderias achá-las demasiado melodramáticas. Sempre odiaste melodrama e eu não quero incomodar-te agora, não no estado em que te encontras, não neste momento, que pode ser o fim da tua vida.

O que quero fazer é: escrever tudo, para fazer a coisa certa. Isto é uma espécie de confissão e vale a pena precisar os detalhes. Quando acabar, planeio ler-te este relato, Patrick, porque já não poderás responder-me. E recebi instruções para continuar a falar contigo. Falar, pelo que dizem os médicos, é essencial à tua possível recuperação.

A tua fala está quase destruída e, mesmo que estejas aqui na minha casa, comunicamos por papel. Quando digo «papel», refiro-me a apontar para cartões. Tu não és capaz de articular palavras, mas podes, por gestos, indicar os teus desejos: *uma bebida, ir à casa de banho, uma sandes*. Eu sei o que queres antes de o teu dedo chegar à imagem, mas, mesmo assim, deixo-te apontar, porque é melhor te manteres independente.

É estranho, não é, que agora seja eu, com papel e caneta, a escrever este… que nome lhe poderemos dar? Dificilmente poderemos chamar-lhe diário, como os que escrevias. O que quer que seja, sou eu que escrevo, enquanto tu, deitado na cama, observas cada movimento meu.

Nunca gostaste desta extensão da costa, chamavas-lhe subúrbios-no-mar, o lugar aonde os velhos iam contemplar o pôr do sol e esperar pela morte. Esta área não era — exposta, isolada, ventosa, como as melhores

cidades britânicas da costa — conhecida como Sibéria no terrível inverno de 1963? Agora, não chega a ser tão sombria, apesar de continuar a ser igualmente homogénea; chego até a encontrar um certo conforto na sua previsibilidade. Aqui, em Peacehaven, as ruas são iguais, uma após a outra: um bangalô modesto, um jardim funcional, uma vista para o mar oblíqua.

Tentei resistir aos planos do Tom de nos mudarmos para cá. Por que motivo eu, residente de Brighton de longa data, escolheria morar numa casa de um andar, mesmo que o nosso bangalô fosse chamado de chalé suíço pelo agente imobiliário? Porque me contentaria com os corredores estreitos do supermercado local, o mau cheiro de gordura da Joe's Pizza e da Kebab House, as quatro funerárias, uma loja de animais chamada Animal Magic e uma lavandaria cujo pessoal é, aparentemente, «formado em Londres»? Porque me contentaria com tais coisas depois de Brighton, onde os cafés estão sempre cheios, as lojas vendem mais do que alguma vez se possa imaginar, ou mesmo precisar, e o pontão está sempre iluminado, sempre aberto e geralmente um pouco assustador?

Não. Achei uma ideia horrível, assim como tu acharias. Mas o Tom estava determinado a reformar-se num lugar mais tranquilo, mais pequeno, supostamente mais seguro. Acho que, em parte, já não aguentava mais ser relembrado dos antigos trabalhos, dos antigos negócios. Se há coisa que um bangalô em Peacehaven não faz é lembrar de um mundo frenético. Então, aqui estamos nós, onde ninguém anda na rua antes das nove e meia da manhã ou depois das nove e meia da noite, a não ser uma mão-cheia de adolescentes que fumam à porta da pizaria. Aqui estamos nós, num bangalô de dois quartos (não é um chalé suíço, *não* é), com fácil acesso à paragem do autocarro e ao supermercado, com um grande relvado para admirar, um estendal de roupa rotativo e três construções exteriores (cabana, garagem, estufa). O que nos salva é a vista para o mar, que é mesmo oblíqua — é visível de um lado da janela do quarto. Dei-te este quarto e arranjei a cama de maneira que conseguisses ter um vislumbre do mar sempre que quisesses. Dei-te isto tudo, Patrick, mesmo que eu e o Tom nunca tenhamos tido a nossa própria vista. Do teu apartamento em Chichester Terrace, ao estilo Regency, desfrutavas do mar todos os dias. Lembro-me muito bem da vista do teu apartamento, apesar de raramente te ter visitado: a ferroviária Volk, os jardins Duke Mound, o paredão com o seu escudo branco em dias de vento e, claro, o mar, sempre diferente, sempre igual. No terraço da nossa casa na rua

Islingword, tudo o que eu e o Tom víamos eram os nossos reflexos nas janelas dos vizinhos. Mas ainda assim. Não estava entusiasmada por deixar aquele lugar.

Portanto, suspeito de que, quando chegaste aqui, vindo do hospital, há uma semana, quando o Tom te tirou do carro para te pôr na cadeira, viste exatamente o mesmo que eu: a regularidade acastanhada do revestimento do chão, o plástico estranhamente suave da porta de vidro duplo, a sebe de coníferas elegantes à volta da casa, e tudo isso deve ter-te atingido com terror no coração, como aconteceu comigo. E o nome do local: *Os Pinheiros*. Tão inapropriado, com tanta falta de imaginação. Provavelmente, uma gota de suor frio desceu-te pelo pescoço e a tua camisa tornou-se subitamente desconfortável. O Tom empurrou a tua cadeira de rodas até à entrada. Deves ter reparado que as lajes eram de um cimento rosa-acinzentado, perfeitamente uniformes. Quando enfiei a chave na fechadura e disse «Bem-vindo», apertaste as mãos macias e forçaste uma espécie de sorriso.

Ao entrares no *hall* com papel de parede bege, deves ter sentido o odor da lixívia que usei ao preparar a casa para a tua vinda e o cheiro do *Walter*, o nosso cão cruzado de *collie*, que espreitava lá ao fundo. Apontaste levemente com a cabeça para uma fotografia emoldurada do nosso casamento, com o Tom naquele lindo fato da *Cobley's* — pago por ti — e eu naquele véu rígido. Sentámo-nos na sala, o Tom e eu no novo sofá de veludo castanho, comprado com o dinheiro da reforma dele, e ouvimos o ruído ritmado do aquecimento central. O *Walter* arfava aos pés do Tom. Então, o Tom disse:

— A Marion vai ajudar a instalares-te.

E eu percebi a pequena careta que fizeste em resposta à determinação do Tom de ir embora, a forma como continuaste a olhar para as cortinas de renda quando ele se dirigiu à porta e disse:

— Tenho umas coisas para fazer.

O cão seguiu-o. Tu e eu continuámos sentados, a ouvir os passos do Tom no corredor, o farfalhar do casaco que ele tirou do cabide de madeira, o tilintar enquanto ele se certificava de que tinha as chaves no bolso; ouvimo-lo dizer delicadamente ao *Walter* que esperasse, e depois veio o som da sucção do ar, quando ele abriu a porta de vidro duplo e saiu do bangalô. Quando finalmente olhei para ti, as tuas mãos, relaxadas sobre os joelhos esqueléticos, tremiam. Pensaste, naquele momento, que estar finalmente na casa do Tom podia não ser exatamente o que esperaras?

Quarenta e oito anos. É tanto quanto tenho de voltar atrás, quando conheci o Tom. E, mesmo assim, talvez não seja tempo suficiente. Nessa altura, ele era tão contido. *Tom.* Até o nome é sólido, modesto, mas com potencial para ser sensível. Não era um Bill, um Reg, um Les nem um Tony. Alguma vez lhe chamaste Thomas? Eu queria fazê-lo. Às vezes, queria mudar o nome dele. *Tommy.* Talvez lhe chamasses assim, o jovem bonito de braços fortes e caracóis louro-escuros.

Eu conhecia a irmã dele da escola de gramática. No nosso segundo ano de ensino, ela abordou-me no corredor:

— Estava a pensar... Pareces simpática... Queres ser minha amiga?

Até àquele momento, andávamos ambas sozinhas, confusas com os rituais estranhos da escola, o eco das salas de aula e as vozes cortadas das outras raparigas. Eu deixava a Sylvie copiar os meus trabalhos de casa e ela deixava-me ouvir os seus discos: Nat King Cole, Patti Page, Perry Como. Juntas, cantávamos baixinho *Some enchanted evening, you may see a stranger* no fim da fila para saltar o cavalo na aula de ginástica, deixando todas as outras raparigas passar à nossa frente. Nenhuma de nós gostava de jogos. Eu gostava de ir à casa da Sylvie, porque ela tinha *coisas*, e a mãe deixava-a usar um penteado muito adulto no cabelo louro e fino; acho que até ajudava a filha a modelar os caracóis da franja. Na altura, o meu cabelo, ruivo como sempre, estava sempre pendurado numa trança grossa que me descia pelas costas.

Em casa, se ficasse chateada — lembro-me de uma vez ter empurrado a cabeça do meu irmão Fred contra a porta com alguma força —, o meu pai olhava para a minha mãe e dizia:

— É do vermelho dela — porque eu herdara o cabelo ruivo do lado materno.

Acho que uma vez me chamaste *Perigo Vermelho*, não foi, Patrick? Naquela altura, eu já aprendera a gostar da cor, mas sempre senti que ser ruiva era uma profecia autorrealizável: as pessoas esperavam que tivesse mau temperamento, por isso, se sentisse a raiva a tomar conta de mim, deixava-a sair. Não com muita frequência, claro. Mas às vezes batia com as portas, atirava louça. Um dia, atirei o aspirador com tanta força contra o rodapé que o parti.

Quando fui convidada a ir à casa da Sylvie em Patcham pela primeira vez, ela usava um lenço de seda cor de pêssego e, assim que o vi, quis um igual. Os pais da Sylvie tinham um armário de bebidas alto na sala, com portas de vidro pintadas com estrelas pretas.

— É tudo comprado a prestações — disse a Sylvie, enquanto pressionava a língua contra a bochecha e me mostrava o andar de cima da casa.

Deixou-me usar o lenço ao pescoço e mostrou-me os seus vernizes de unhas. Quando abriu um, senti um cheiro de *pear-drops*[1]. Sentada na cama dela arranjada, escolhi pintar-lhe as unhas grandes e roídas de roxo-escuro e, quando acabei, aproximei a mão dela do meu rosto e soprei levemente. Depois, levei o polegar dela à boca e passei o lábio superior pelo revestimento liso, para verificar se estava seco.

— Que estás a fazer? — perguntou com uma gargalhada.

Soltei-lhe a mão, deixando-a cair-lhe de volta no colo. A gata dela, *Meia-Noite*, entrou e esfregou-se nas minhas pernas.

— Desculpa — disse.

A *Meia-Noite* espreguiçou-se e esfregou-se com mais intensidade nos meus tornozelos. Estiquei-me para lhe fazer festas nas orelhas e, enquanto estava debruçada sobre a gata, a porta do quarto da Sylvie abriu-se.

— Vai-te embora — disse a Sylvie, aborrecida.

Levantei-me abruptamente, com receio de que aquilo tivesse sido para mim, mas ela olhava para a porta, sobre o meu ombro. Virei-me e vi-o ali, levando a mão ao lenço de seda que tinha ao pescoço.

— Vai-te embora, Tom — repetiu a Sylvie, com um tom que sugeria que se resignara aos papéis que tinham de interpretar naquele pequeno drama.

Ele estava encostado à ombreira da porta com as mangas da camisa arregaçadas até aos cotovelos, e reparei nas linhas finas que lhe traçavam os músculos dos antebraços. Não devia ter mais do que quinze anos

[1] Doces britânicos feitos de açúcar e aroma de pera em forma de pequenas peras e com aspeto de gomas. *(N. da R.)*

— mal era um ano mais velho do que eu; mas já tinha os ombros largos e uma sombra escura na base do pescoço. Tinha uma cicatriz no canto do queixo — apenas uma pequena mossa, como uma impressão digital de plasticina — e estava com uma expressão de escárnio, que já na altura percebi que era deliberada, porque ele achava que devia, porque lhe dava um ar de Ted; mas o resultado daquele rapaz encostado à ombreira da porta a olhar para mim com os seus olhos azuis — pequenos, mas profundos — fez-me corar tanto que me baixei e voltei a pôr os dedos nos pelos claros das orelhas da *Meia-Noite* e fixei o olhar no chão.

— Tom! Vai-te embora! — A voz da Sylvie subiu de tom e ele bateu com a porta.

Consegues imaginar, Patrick, que precisei de alguns minutos para ganhar coragem para afastar a mão das orelhas da gata e voltar a olhar para a Sylvie.

Depois disso, fiz o meu melhor para manter uma amizade estável com a Sylvie. Às vezes, ia de autocarro até Patcham e passava à frente da sua casa geminada, olhando para as janelas iluminadas, dizendo a mim mesma que esperava que ela aparecesse, mas, na verdade, todo o meu corpo vibrava com a expetativa de que o Tom aparecesse. Um dia, fiquei sentada no muro da esquina à frente da casa dela até escurecer e deixar de sentir os dedos. Ouvi os melros a cantar de peito cheio, senti o cheiro da humidade das sebes que me rodeavam e apanhei o autocarro para casa.

A minha mãe olhava muito pelas janelas. Sempre que cozinhava, encostava-se ao fogão a olhar pela fresta da porta de vidro das traseiras. Estava sempre, parecia-me, a fazer molho e a olhar pela janela. Mexia o molho sem parar enquanto raspava os restos de carne e gordura à volta da panela. Sabia a ferro e era ligeiramente grumoso, mas o meu pai e os meus irmãos enchiam os pratos. O molho era tanto que sujavam os dedos e as unhas, lambendo-os enquanto a minha mãe fumava, à espera da hora de lavar a louça.

A minha mãe e o meu pai estavam sempre aos beijos. Na copa, ele agarrava-lhe a nuca com força, ela abraçava-lhe a cintura, puxando-o para perto. Era difícil, naquela altura, entender como eles se encaixavam ali, de tão apertados que estavam. Mas para mim era comum vê-los daquela maneira, por isso, ficava apenas sentada à mesa da cozinha, pousava a minha revista *Picturegoer* na toalha de mesa áspera, apoiava o queixo na mão e esperava que eles parassem. O mais estranho é que, mesmo com tantos beijos, eles pareciam quase nunca conversar. Falavam por meio de nós:

«Tens de pedir isso ao teu pai.» Ou: «Que acha a tua mãe?» À mesa, éramos o Fred, o Harry e eu, o meu pai a ler o jornal, a minha mãe de pé, a fumar à janela. Acho que nunca se sentava à mesa para comer connosco, exceto aos domingos, quando o pai do meu pai, o avô Taylor, nos visitava. Ele chamava «rapaz» ao meu pai e dava quase todo o seu jantar ao cão *Westie*, que ficava debaixo da cadeira. Então, não demorava muito até a minha mãe se levantar para voltar a fumar, levantar a mesa e deixar a louça na cozinha. Mandava-me para a frente do escorredor da louça para a secar e prendia-me um avental seu à cintura, demasiado comprido para mim e ao qual tínhamos de fazer várias dobras em cima, e eu tentava encostar-me ao lava-louça como ela. Às vezes, quando ela não estava, olhava pela janela e tentava imaginar em que pensaria a minha mãe enquanto observava a nossa cabana de telhado inclinado, a horta de couves-de-bruxelas desordenadas do meu pai e o quadradinho de céu por cima das casas dos vizinhos.

Nas férias de verão, a Sylvie e eu íamos à piscina de Black Rock. Eu queria sempre poupar dinheiro e ir à praia, mas a Sylvie insistia que devíamos ir à piscina. Isto porque, na piscina, a Sylvie podia namoriscar os rapazes. Durante todo o ano letivo, ela estava sempre rodeada de admiradores, enquanto eu não atraía ninguém. Nunca ficava muito animada com a ideia de passar mais uma tarde a ver a minha amiga a ser cobiçada, mas, com janelas brilhantes, cimento branco e limpo e espreguiçadeiras às riscas, a beleza da piscina era irresistível, e, por isso mesmo, frequentemente, lá acabávamos por pagar os dez cêntimos para passar pelos torniquetes que nos levavam à área da piscina.

Lembro-me de uma tarde com particular clareza. Tínhamos uns dezassete anos. A Sylvie usava um biquíni verde-limão e eu, um fato de banho vermelho demasiado pequeno para mim. Não parava de puxar as alças e ajeitar a zona das pernas. Naquela altura, a Sylvie já tinha uns seios impressionantes e uma cintura fina; eu ainda parecia um retângulo comprido com pequenas curvas nas laterais. Cortara o cabelo pela zona do queixo e gostava do penteado, mas era muito alta. O meu pai dizia-me que não me curvasse, mas também não parava de me lembrar de calçar sapatos rasos.

— Nenhum homem quer ver as narinas de uma mulher — dizia-me. — Não é, Phyllis?

E a minha mãe sorria e não dizia nada. Na escola, estavam sempre a dizer que, por ser tão alta, devia ser boa jogadora de basquetebol, mas era terrível. Ficava sempre no canto do campo, a fingir que esperava por um passe. O passe nunca acontecia e eu ficava a observar os rapazes que jogavam râguebi do outro lado da vedação. As suas vozes eram tão diferentes das nossas: graves e profundas, e com uma confiança de rapazes que sabem qual será o seu próximo passo na vida. Oxford. Cambridge. O bar. A escola ao lado era privada, sabes, como a tua, e os rapazes que lá andavam pareciam muito mais bonitos do que aqueles que eu conhecia. Usavam *blazers* elegantes, andavam de mãos nos bolsos e com longas franjas a cair-lhes pelo rosto, enquanto os rapazes que eu conhecia (e eram poucos) vinham contra nós como se estivessem a atacar, sempre a olhar em frente. Não eram misteriosos. Estava tudo à vista. Não que alguma vez tivesse falado com os rapazes de franja. Tu andaste numa daquelas escolas, mas nunca foste assim, pois não, Patrick? Tal como eu, nunca te encaixaste. Percebi logo isso.

Não estava calor suficiente para ir à piscina — sentia-se um vento refrescante vindo do mar —, mas o Sol estava forte. A Sylvie e eu deitámo-nos nas toalhas. Fiquei de fato de banho e saia e a Sylvie colocou as suas coisas numa fila organizada ao meu lado: um pente, pó compacto, um casaco. Sentou-se e cerrou o olhar, observando a multidão que se encontrava no pátio ensolarado. Tinha a boca sempre num sorriso invertido e os dentes da frente seguiam a curva da linha do lábio superior, como se tivessem sido especialmente desenhados. Fechei os olhos. Formas rosadas moviam-se dentro das minhas pálpebras enquanto a Sylvie suspirava e clareava a garganta. Sabia que ela queria conversar, dizer quem mais estava na piscina, quem estava a fazer o quê e com quem e que rapazes conhecia, mas eu só queria sentir o calor na cara e ter aquela sensação distante que surge quando nos deitamos sob o sol da tarde.

Finalmente, estava quase nesse ponto. O sangue parecia ter engrossado por trás dos meus olhos e todos os meus membros se transformaram em borracha. Os passos e os mergulhos dos rapazes que saltavam da prancha de mergulho para a água não me despertavam e, mesmo sentindo os ombros a queimar, continuei esticada no cimento, a inspirar o cheiro de calcário do chão molhado e a ocasional lufada de cloro frio dos transeuntes.

Então, algo frio e molhado me atingiu na bochecha e abri os olhos. A princípio, só conseguia ver o brilho ofuscante do céu. Pisquei os olhos,

vendo uma forma a revelar-se, destacada por um rosa-vivo. Pestanejei de novo e ouvi a voz da Sylvie, pretensiosa, mas agradada:

— Que *estás* aqui a fazer?

Soube logo quem era.

Sentei-me, tentando endireitar-me e protegendo os olhos da luz enquanto secava o suor do buço. Ali estava ele, com o Sol por trás, a sorrir à Sylvie.

— Estás a molhar-nos! — reclamou ela, limpando as gotas imaginárias dos ombros.

É claro que já tinha visto e admirado o Tom várias vezes na casa da Sylvie, mas aquela era a primeira vez que via tanto do corpo dele. Tentei desviar o olhar, Patrick. Tentei não observar a gota de água que lhe descia pelo pescoço até ao umbigo, os fios de cabelo molhados da nuca dele. Mas sabes como é difícil desviar o olhar daquilo que desejamos. Por isso, concentrei-me nas canelas dele: nos pelos louros e brilhantes que lhe cobriam a pele. Ajeitei as alças do fato de banho e a Sylvie insistiu, com um suspiro exageradamente dramático:

— Que queres, Tom?

Ele olhou para nós as duas, secas e queimadas do sol.

— Ainda não foram à água?

— A Marion não nada — divulgou a Sylvie.

— Porquê? — perguntou ele, olhando para mim.

Eu podia ter mentido, provavelmente. Mas, já naquela altura, tinha muito medo de ser descoberta. No fim de contas, descobriam sempre tudo. E, quando o faziam, era pior do que ter dito logo a verdade.

A minha boca secara, mas lá consegui responder:

— Nunca aprendi.

— O Tom está na equipa de natação — disse a Sylvie, num tom que quase parecia de orgulho.

Nunca senti necessidade de me molhar. O mar estava sempre ali, com barulho e movimentos constantes na fronteira da cidade. Mas isso não era motivo para me juntar a ele, pois não? Até àquele momento, saber nadar nunca me pareceu importante. De repente, tornou-se necessário.

— Adoraria aprender — disse, tentando sorrir.

— O Tom ensina-te, não ensinas, Tom? — disse a Sylvie, olhando-o nos olhos, desafiando-o a recusar.

O Tom estremeceu, pegou na toalha da Sylvie e enrolou-a à cintura.

— Pode ser — disse. Virou-se para a Sylvie, esfregando o cabelo com uma mão para tentar secá-lo. — Empresta-nos dez cêntimos.

— Onde está o Roy? — perguntou a Sylvie.

Nunca tinha ouvido falar do Roy, mas a Sylvie estava obviamente interessada, porque parou com o assunto das aulas de natação e esticou o pescoço para ver além do irmão.

— Foi mergulhar — disse o Tom. — Empresta-nos dez cêntimos.

— Que vão fazer depois?

— Nada que te interesse.

A Sylvie abriu o pequeno pó compacto e examinou-se antes de dizer baixinho:

— Aposto que vão ao Spotted Dog.

Ao ouvir aquilo, o Tom deu um passo em frente para dar uma palmada brincalhona à irmã, mas ela desviou-se. A toalha dele caiu ao chão e eu voltei a desviar o olhar.

Questionei qual seria o problema de ir ao Spotted Dog, mas, para não parecer ignorante, não disse nada.

A Sylvie fez uma pequena pausa antes de murmurar:

— Vão, sim. Eu sei.

Depois, puxou a ponta da toalha, levantou-se de um pulo e torceu-a como uma corda.

O Tom avançou para ela, mas ela foi mais rápida. A ponta da toalha acertou no peito dele com um estalo, deixando uma marca vermelha. Naquele momento, achei que tinha visto a marca a pulsar, mas agora não tenho tanta certeza. Ainda assim, dá para imaginar: o nosso bonito rapaz agredido pela irmã mais nova, marcado pela toalha macia de algodão dela.

Passou-lhe um relance de raiva pelo rosto e eu estremeci; começava a arrefecer; uma sombra espalhava-se sobre os banhistas. O Tom olhou para o chão e engoliu em seco.

A Sylvie hesitou, sem saber qual seria o passo seguinte do irmão. Com um gesto repentino, ele puxou a toalha; ela riu-se, desviando-se, enquanto ele lhe acertava com a toalha sem parar, às vezes acertando-lhe com a ponta — ao que ela reagia com gritos agudos —, mas na maior parte falhando o alvo. Sabes, ele era delicado, já na altura sabia; brincava e era deliberadamente desajeitado, provocando a irmã com a ideia de que a força e a precisão dele eram maiores do que as que usava, com a ideia de que *podia* atingi-la a sério.

— Eu tenho dez cêntimos — disse eu, à procura de uma moeda no bolso do casaco. Era tudo o que tinha, mas dei-lhe.

O Tom parou de atirar a toalha. Estava ofegante. A Sylvie esfregava o pescoço, onde fora atingida pela toalha.

— Agressor — resmungou.

Ele estendeu a mão e eu entreguei-lhe a moeda, encostando os dedos à sua pele quente.

— Obrigado — disse, com um sorriso. Depois, virou-se para a Sylvie. — Estás bem?

Ela encolheu os ombros. Quando ele virou as costas, ela mostrou a língua.

No caminho para casa, cheirei a mão, inspirando o cheiro metálico. O cheiro do meu dinheiro também estaria nos dedos do Tom.

Pouco antes de o Tom entrar no serviço militar obrigatório, deu-me uma réstia de esperança à qual me agarrei até ele voltar e, para ser sincera, até durante mais tempo do que isso.

Era dezembro e eu tinha ido lanchar à casa da Sylvie. Podes imaginar que a Sylvie raramente ia à minha casa, porque tinha um quarto só seu, um gira-discos portátil e garrafas de *Vimto*, enquanto eu dividia o quarto com o Harry e só tinha chá para beber. Na casa da Sylvie, comíamos presunto fatiado, pão branco tenro, tomates e molho de salada, seguidos de tangerinas em calda e leite evaporado. O pai da Sylvie tinha uma loja em frente que vendia postais atrevidos, rebuçados, gomas fora do prazo e bonecas feitas de conchas e algas secas. A loja chamava-se *Happy News*[2], porque também vendia jornais, revistas e publicações de títulos mais picantes embrulhadas em papel de celofane. A Sylvie contou-me que o pai vendia cinco exemplares do livro *Kama Sutra* por semana e o número triplicava durante o verão. Na altura, só tinha uma vaga ideia de que o *Kama Sutra* era, por motivos que eu desconhecia, um livro proibido; mas fingi ficar em choque, arregalando os olhos e perguntando «A sério?», ao que a Sylvie anuiu, triunfante.

Comíamos na sala e o periquito da mãe da Sylvie piava constantemente como ruído de fundo. Havia cadeiras de plástico com pernas de metal e a mesa era impermeável, sem toalha. A mãe da Sylvie usava um batom alaranjado e, de onde eu estava, sentia o cheiro de lavanda do produto de limpeza nas mãos dela. Ela era extremamente gorda, o que me parecia estranho, porque só a via comer folhas de alface e rodelas de

[2] Tradução livre: «Boas Notícias». *(N. da R.)*

pepino e beber café puro. Apesar da aparente negação, os seus traços faciais pareciam perder-se na pele inchada do rosto e os seios eram enormes e estavam sempre em grande destaque, como um suspiro gigante e cheio de creme na vitrina de uma pastelaria. Quando sabia que não podia continuar a olhar para o Tom, sentado ao lado da mãe, fixava o olhar no decote almofadado da Sr.ª Burgess. Sabia que também não devia olhar para lá, mas era melhor do que ser apanhada a percorrer o filho dela com o olhar. Estava convencida de que sentia o calor a emanar dele; o antebraço exposto repousava na mesa e a sua carne parecia aquecer a sala inteira. E sentia o cheiro dele (não era fruto da minha imaginação, Patrick). Ele cheirava — lembras-te? — a óleo capilar — *Vitalis*, era o nome do que usava na altura — e a talco com perfume de pinho, que vim a saber mais tarde que ele espalhava generosamente debaixo dos braços todas as manhãs antes de vestir a camisa. Naquela altura, como deves lembrar-te, os homens como o pai do Tom não aprovavam o talco. Hoje, é diferente, claro. Quando vou ao supermercado em Peacehaven e passo pelos rapazes, os seus cabelos lembram-me tanto do do Tom — alisados com óleo e penteados em formas impossíveis — que fico impressionada com o cheiro fabricado do perfume deles. Esses rapazes cheiram a mobília nova. Mas não era esse o cheiro do Tom. Ele tinha um cheiro excitante, porque, na altura, os homens que disfarçavam o suor com talco eram suspeitos, o que me interessava muito. E tínhamos o melhor dos dois mundos, sabes: o odor fresco do talco, mas, se estivéssemos suficientemente perto, o cheiro quente e turvo da pele que estava por baixo.

Quando acabámos de comer as sandes, a Sr.ª Burgess trouxe pêssegos em calda servidos em pratos cor-de-rosa. Comemos em silêncio. A seguir, o Tom limpou os restos da calda dos lábios e anunciou:

— Hoje, fui ao escritório de recrutamento militar. Para me voluntariar. Dessa maneira, posso escolher o que quero fazer. — Afastou o prato e encarou o pai. — Começo na próxima semana.

Depois de uma rápida anuência, o Sr. Burgess levantou-se e estendeu a mão. O Tom também se levantou e deu um aperto de mão ao pai. Questionei se já alguma vez se teriam cumprimentado com um aperto de mãos. Não parecia um gesto frequente. Foi um aperto de mãos firme e, depois, olharam à volta da sala, como se não soubessem bem o que fazer a seguir.

— Ele tem sempre de me ultrapassar — sussurrou-me a Sylvie ao ouvido.

— Quais serão as tuas funções? — perguntou o Sr. Burgess, ainda de pé, a olhar para o filho.

O Tom clareou a garganta.

— Vou servir a corporação.

Os dois homens olharam um para o outro e a Sylvie deixou escapar uma risadinha.

O Sr. Burgess sentou-se abruptamente.

— É uma novidade, não é? Vamos beber alguma coisa, Jack? — A voz da Sr.ª Burgess era estridente, e julguei ter ouvido alguma hesitação enquanto ela afastava a cadeira. — Precisamos de uma bebida, não precisamos? Para uma notícia destas. — Ao levantar-se, entornou o resto do café sobre a mesa. Espalhou-se pelo plástico branco e escorreu até cair no tapete.

— Vaca desajeitada — resmungou o Sr. Burgess.

A Sylvie deu outra risadinha.

O Tom, que parecia parado em transe, com o braço ainda levemente esticado para o aperto de mão ao pai, aproximou-se da mãe.

— Vou buscar um pano — disse, tocando no ombro dela.

Assim que o Tom saiu da sala, a Sr.ª Burgess olhou à volta da mesa, apreciando cada rosto.

— Que vamos fazer agora? — perguntou.

A voz dela era tão baixa que perguntei a mim mesma se mais alguém a ouvira falar.

Num primeiro momento, ninguém lhe respondeu. Até que o Sr. Burgess suspirou e disse:

— Servir a corporação não é propriamente a Batalha do Somme, Beryl.

A Sr.ª Burgess soluçou e saiu da sala, atrás do filho.

O pai do Tom não disse nada. O periquito piava e piava, enquanto esperávamos pelo regresso do Tom. Ouvi-o a falar num tom abafado na cozinha e imaginei a mãe a chorar nos braços dele, devastada, como eu, por ele ir embora.

A Sylvie pontapeou a minha cadeira, mas, em vez de olhar para ela, fixei o olhar no Sr. Burgess e disse:

— Até os soldados têm de comer, não é?

Mantive a voz estável e neutra. Mais tarde, foi assim que comecei a falar quando um aluno me respondia mal na escola ou quando o Tom me dizia que era a tua vez, Patrick, ao fim de semana.

— Tenho a certeza de que o Tom será um ótimo cozinheiro.

O Sr. Burgess soltou uma gargalhada tensa antes de empurrar a cadeira e gritar para a porta da cozinha:

— Por amor de Deus, onde está essa bebida?

O Tom voltou para a sala, trazendo duas garrafas de cerveja. O pai pegou numa, apontando-a para o rosto do Tom, e disse:

— Parabéns por inquietares a tua mãe.

Depois, saiu da sala, mas, em vez de ir à cozinha confortar a Sr.ª Burgess, como eu pensei que faria, ouvi a porta de casa bater.

— Ouviste o que a Marion disse? — riu-se a Sylvie, tirando a outra garrafa ao Tom e esfregando-a entre as mãos.

— Isso é meu — reclamou o Tom, reavendo a garrafa.

— A Marion disse que vais ser um ótimo cozinheiro.

Com um gesto ágil do pulso, o Tom abriu a garrafa e atirou a carica e o abre-caricas. Tirou um copo de cima do aparador e serviu-se cuidadosamente da cerveja escura e encorpada.

— Bem — disse ele, aproximando a bebida do rosto para a inspecionar antes de beber dois goles —, tem razão. — Limpou a boca com as costas da mão e olhou diretamente para mim. — Ainda bem que alguém tem bom senso nesta casa — disse com um largo sorriso. — Não fiquei de te ensinar a nadar?

Naquela noite, escrevi no meu caderno preto de capa dura: «O sorriso dele é como uma lua cheia em setembro. Misterioso. Cheio de promessas.» Lembro-me de que fiquei muito satisfeita com aquelas palavras. E todas as noites, dali em diante, enchia o caderno com o meu desejo pelo Tom. «Caro Tom», escrevia. Ou, às vezes, «Querido Tom», ou até «Meu querido Tom»; mas não me permitia essa indulgência frequentemente; na maior parte das vezes, a satisfação de ver o nome dele em letras desenhadas pela minha mão era suficiente. Na altura, contentava-me com pouco. Porque, quando nos apaixonamos pela primeira vez, só o nome já é suficiente. Apenas a visão da minha mão a traçar o nome do Tom era suficiente. Mais ou menos.

Descrevia os acontecimentos do dia com detalhes ridículos, como olhos azuis e céus púrpura. Acho que nunca escrevi sobre o corpo dele, apesar de ser obviamente o que mais me impressionava; devo ter escrito sobre a nobreza do nariz dele (que, na verdade, é bastante achatado e parece amassado) e sobre a voz grave e profunda. Como podes ver, Patrick, eu era normal. Tão normal.

Durante quase três anos, apontei todo o meu desejo pelo Tom e esperei pelo dia em que ele voltaria para casa e me ensinaria a nadar.

Este fascínio parece-te um pouco ridículo, Patrick? Talvez não. Suponho que entendas o que é o desejo, como ele cresce quando nos é negado, mais do que qualquer outra pessoa. Sempre que o Tom voltava a casa em licença militar, eu parecia nunca o ver, e agora questiono se era de propósito. Será que esperar pelo seu regresso, evitando encontrar o verdadeiro Tom e preferindo escrever sobre ele no caderno, era uma forma de o amar mais?

Durante a ausência do Tom, cheguei a pensar em arranjar uma carreira. Lembro-me de ter uma reunião com a Sr.ª Monkton, a vice-diretora da escola, perto do fim do meu último ano letivo, quando estava prestes a fazer os exames, e ela perguntou-me quais eram os meus planos para o futuro. As professoras insistiam muito que as raparigas tivessem planos para o futuro, mesmo que eu soubesse, já na altura, que era tudo um sonho distante que só permanecia entre as paredes da escola. Lá fora, os planos desmoronavam, especialmente para as raparigas. A Sr.ª Monkton tinha um cabelo selvagem para aqueles tempos: caracóis densos e apertados, com salpicos grisalhos. Tinha a certeza de que ela fumava, porque a pele era da cor de um chá bem feito e os lábios, que frequentemente se retorciam num sorriso irónico, eram secos de uma maneira caraterística. No gabinete da Sr.ª Monkton, anunciei que gostaria de ser professora. Foi a única coisa que me ocorreu na altura; soava melhor do que dizer que queria ser secretária, mas não parecia tão absurdo como dizer que gostaria de ser autora de romances ou atriz, o que já imaginara secretamente.

Acho que nunca confessei isto a ninguém.

Enfim, a Sr.ª Monkton rodou a caneta até fazer um clique e disse:

— E como chegaste a essa conclusão?

Pensei na questão. Não podia simplesmente dizer: «Não sei que mais posso fazer.» Nem: «Não parece que me vá casar tão cedo, não é?»

— Gosto da escola, professora.

Quando disse aquelas palavras, soube que era verdade. Gostava das campainhas, dos quadros limpos, das mesas poeirentas cheias de segredos, dos corredores compridos cheios de raparigas, do mau odor de aguarrás que vinha das aulas de artes, do barulho do catálogo da biblioteca a passar-me entre os dedos. E, de repente, imaginei-me na frente de uma sala de aula, a usar uma saia *tweed* elegante e um coque bem arranjado,

ganhando o respeito e o afeto dos meus alunos com métodos firmes, mas justos. Na altura, não tinha noção de como me tornaria mandona ou de como dar aulas mudaria a minha vida. Sempre me chamaste mandona e tinhas razão; ser professora ensinou-me a ser assim. Somos nós ou eles, entendes? Temos de marcar posição. Aprendi isso bastante cedo.

A Sr.ª Monkton mostrou um dos seus sorrisos tortos.

— É muito diferente estar do outro lado da secretária — fez uma pausa, pousou a caneta e virou-se para a janela para deixar de me encarar. — Não quero esmorecer as tuas ambições, Taylor. Mas o ensino exige enorme dedicação e grande firmeza. Não é que não sejas uma aluna competente. Mas acredito que trabalhar num escritório seria mais adequado para ti. Talvez uma função mais tranquila?

Olhei para o rasto de leite que cobria a superfície do seu chá, que arrefecia. Tirando a chávena, a secretária estava vazia.

— Que acham, já agora — continuou, olhando para mim depois de olhar de relance para o relógio por cima da porta —, os teus pais desta ideia? Estão dispostos a apoiar-te nesta aventura?

Ainda não tinha falado em nada daquilo à minha mãe ou ao meu pai. Para começar, eles mal acreditavam que eu tinha entrado na escola de gramática; quando souberam, o meu pai reclamou do preço do uniforme e a minha mãe, sentada no sofá, levou as mãos à cabeça e chorou. Ao início, fiquei satisfeita, assumindo que ela estava orgulhosa do meu feito, mas, quando vi que não parava, perguntei o que se passava e ela disse:

— Agora, vai ser tudo diferente. Isso vai afastar-te de nós — respondeu.

Desde então, quase todas as noites se queixavam de eu passar demasiado tempo no quarto a estudar em vez de conversar com eles.

Olhei para a Sr.ª Monkton.

— Eles apoiam-me completamente — anunciei.

Quando olho para o mar do outro lado do campo, nestes dias de outono em que a relva abana com o vento e as ondas soam como inspirações ofegantes, lembro-me de que um dia senti coisas intensas e secretas, como tu, Patrick. Espero que entendas e que me perdoes.

Primavera de 1957. Tendo terminado o serviço militar, o Tom continuava fora, a treinar para ser polícia. Eu costumava pensar com entusiasmo nele a juntar-se à força policial. Parecia algo tão corajoso, tão *adulto*. Não conhecia mais ninguém que fizesse uma coisa daquelas. Lá em casa, a Polícia era suspeita — não propriamente inimiga, mas não inspirava confiança. Sabia que, como polícia, o Tom teria uma vida diferente da dos nossos pais, uma vida mais ousada, mais poderosa.

Eu estava a estudar para ser professora numa faculdade em Chichester, mas ainda via a Sylvie com frequência, apesar de ela estar cada vez mais envolvida com o Roy. Uma vez, convidou-me a ir ao rinque de patinagem, mas, quando cheguei, vi que ela aparecera com o Roy e outro rapaz, o Tony, que trabalhava na oficina com o Roy. O Tony não falava muito. Pelo menos, não comigo. De vez em quando, gritava um comentário para o Roy enquanto patinávamos, mas o Roy nem sempre lhe dava atenção, porque tinha o olhar fixo no da Sylvie. Era como se não conseguissem olhar para mais nada, nem sequer para onde iam. O Tony não agarrou no meu braço enquanto patinávamos e consegui ultrapassá-lo várias vezes. Ao patinar, pensei no sorriso que o Tom me oferecera no dia em que anunciou que ia servir a corporação, no lábio superior a desaparecer-lhe sobre os dentes e no olhar rasgado. Quando parámos para beber uma *Coca-Cola*, o Tony não me sorriu. Perguntou-me quando ia deixar a escola.

— Nunca. Vou ser professora — respondi. Ele olhou para a porta, como se quisesse sair dali a patinar.

Numa tarde de sol, não muito tempo depois, fui com a Sylvie ao parque Preston, sentámo-nos num banco sob os ulmeiros verdejantes que farfalhavam e ela anunciou o noivado com o Roy.

— Estamos muito felizes — declarou, com um sorrisinho reservado.

Perguntei-lhe se o Roy se aproveitara dela, mas ela abanou a cabeça com o mesmo sorriso.

Durante um longo tempo, ficámos apenas a observar as pessoas que passavam por ali com os cães e os filhos ao sol. Algumas iam buscar gelados ao Rotunda. Nem eu, nem a Sylvie tínhamos dinheiro para gelados, e ela continuava em silêncio, portanto, perguntei:

— Então, até onde chegaram?

A Sylvie admirou o parque, abanando a perna direita para a frente e para trás, impaciente.

— Já te disse — respondeu.

— Não disseste, não.

— Estou apaixonada por ele — declarou, espreguiçando os braços e fechando os olhos. — Mesmo apaixonada.

Era difícil de acreditar. Não que o Roy fosse feio, mas falava demasiado sobre nada. Além disso, era magricela. Aqueles ombros pareciam incapazes de aguentar qualquer peso.

— Tu não sabes como é — disse a Sylvie, piscando os olhos. — Eu amo o Roy e vamos casar-nos.

Olhei para a relva que tinha sob os pés. É claro que não podia dizer à Sylvie: «Sei exatamente como é. Estou apaixonada pelo teu irmão.» Eu teria ridicularizado qualquer pessoa que se apaixonasse pelos *meus* irmãos e a Sylvie não tinha motivo para agir de forma diferente.

— Quero dizer — continuou, olhando fixamente para mim —, sei que tu tens uma paixoneta pelo Tom. Mas não é a mesma coisa.

Senti o sangue a subir-me pelo pescoço até às orelhas.

— O Tom não é desses, Marion — disse a Sylvie.

Por um momento, pensei em levantar-me e ir-me embora, mas as minhas pernas tremiam e o meu rosto estava paralisado num sorriso.

A Sylvie apontou com a cabeça para um rapaz que passava por nós, com um grande cone de gelado na mão.

— Quem me dera ter um desses — gritou alto.

O rapaz virou a cabeça e olhou para ela de relance, mas ela voltou-se para mim e deu-me um pequeno beliscão no antebraço.

— Não te importas que tenha dito aquilo, pois não? — perguntou.

Não consegui responder. Acho que consegui anuir. Humilhada e confusa, só queria chegar a casa e pensar melhor no que a Sylvie me dissera. Mas o meu rosto deve ter expressado as minhas emoções, porque, após um instante, a Sylvie me segredou ao ouvido:

— Vou falar-te do Roy.

Continuava incapaz de responder, mas ela prosseguiu:

— Deixei-o tocar-me.

O meu olhar foi ao encontro dela, que lambeu os lábios e olhou para o céu.

— Foi estranho — disse. — Não senti muita coisa, apenas medo.

Fixei-a com o olhar.

— Onde? — perguntei.

— Atrás do Regent…

— Não — disse eu. — Onde é que ele te tocou?

Ela estudou-me por um momento e, percebendo que eu não estava a brincar, respondeu:

— Tu sabes. Pôs lá a mão. — Olhou de relance para o meu colo. — Mas eu disse-lhe que o resto era só depois de nos casarmos. — Espreguiçou-se no banco. — Não me importava de ir mais além, mas, assim, ele não se casaria comigo, não é?

Naquela noite, antes de dormir, pensei muito no que a Sylvie disse. Imaginei e tornei a imaginar a cena, nós as duas sentadas no banco, a Sylvie a abanar as pernas magras e a suspirar ao dizer: «Deixei-o tocar-me.» Tentei ouvir as palavras de novo. Ouvi-las de forma clara, de modo nítido. Tentei encontrar o verdadeiro sentido do que ela dissera sobre o Tom, mas nenhuma ordem das palavras fazia o menor sentido para mim. Assim que me deitei na cama, no escuro, ouvindo a tosse da minha mãe e o silêncio do meu pai, inspirei sob o lençol, que puxara até ao nariz, e pensei que ela não o conhecia como eu. Eu *sei* como ele é.